

REFLEXÕES SOBRE AFINAÇÃO E PERCEPÇÃO MUSICAL NA CLASSE DE LABORATÓRIO CORAL I

PHELIPE CESAR MORAES LIMA¹;
LEANDRO MAIA²:

¹Universidade Federal de Pelotas – liphelima@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leandromaia.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta observações do monitor Phelipe Cesar Moraes Lima, aluno do curso de bacharelado - Piano da Universidade Federal de Pelotas. O qual no primeiro semestre de 2025, durante os ensaios da disciplina de Laboratório Coral I, constatou uma acentuada dificuldade de afinação no naipe dos baixos. A dificuldade central residia na heterogeneidade do grupo de coristas, que incluía diferentes faixas etárias, níveis variados de compreensão musical e alunos de cursos distintos, o que comprometia significativamente o progresso do grupo.

Em ambiente de monitoria relato o caso de um estudante de 19 anos, do naipe do baixo, que durante uma entrevista informal relatou sua dificuldade de percepção dos sons no registro grave. Segundo ele, “cantar essa nota é fácil, mas distinguir o som é complicado”. Tal relato direcionou a escrita do presente trabalho, a partir da hipótese que a desafinação por ele enfrentada era motivada por um processo de muda vocal.

Quanto a afinação vocal pode ser entendida como a correta reprodução vocal de altura das notas isoladas e a compreensão da estrutura musical ao qual se encontram, tal habilidade pode ser influenciada por fatores acústicos, culturais e neurológicos BEHLAU *et al* (2019). Por outro lado, a desafinação vocal é a reprodução vocal errônea de um modelo musical, e segundo a literatura pode ter origem em causas: psicológicas e atitudinais, neurológicas, cognitivas, audiológicas, laringológicas, respiratórias, genéticas, musculares, articulares, problemas de percepção, processamento e memória, problemas com o feedback auditivo e proprioceptivo; além de autorreferência interna para compreender, processar e recordar material musical, falta de aprendizado anterior, diferença cultural e outras BEHLAU *et al* (2019). Ou seja, a desafinação pode ser motivada por diversos fatores que podem passar por fatores neurológicos, respiratórios ou culturais.

A muda vocal é um fenômeno complexo e multifacetado que se manifesta durante a puberdade, período marcado por intensas transformações físicas, hormonais e emocionais. Embora ocorra em ambos os gêneros, torna-se mais perceptível no sexo masculino, geralmente entre os 13 e 15 anos de idade. Segundo GUIMARÃES; BEHLAU; PANHOCA (2010), durante essa fase, a laringe, responsável pela produção da voz, sofre um crescimento significativo, resultando em um alongamento das pregas vocais e, conseqüentemente, na diminuição da

frequência fundamental da voz, tornando-a mais grave.

Esse processo de transição vocal não é linear e pode apresentar instabilidade vocal, caracterizada por oscilações na altura e intensidade da voz, bem como por episódios de "quebras" ou falhas na emissão (GUIMARÃES; BEHLAU; PANHOCA, 2010; CIELO et al, 2009). A adaptação a essa nova tessitura vocal, que é a extensão de tons que a voz pode atingir confortavelmente, varia consideravelmente entre os indivíduos. Para a voz falada, a literatura sugere um período de adaptação que pode durar de alguns meses a um ano. Já para a voz cantada, o processo é mais prolongado, estendendo-se de dois a seis anos, devido à maior demanda de controle e refinamento vocal exigida pela performance musical.

A não adaptação completa a essa nova condição vocal pode levar ao desenvolvimento de uma disfonia por muda incompleta. Essa condição é caracterizada pela persistência de características vocais infantis ou por uma voz com altura inadequada para a idade e gênero, o que pode gerar desconforto e impactando na comunicação. Além disso, a disfonia por muda incompleta pode ser agravada e até reforçada por conflitos emocionais comuns ao período da puberdade (CIELO et al, 2009).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

No contexto da monitoria, foi realizado um teste para verificar a tessitura vocal em que o aluno se sentia mais confortável. Os resultados iniciais revelaram que o aluno apresentava uma extensão de notas correspondente ao naipe dos baixos, porém, demonstrou dificuldades de afinação nas extensões de Lá1 e Dó3. Segundo CRUZ; GAMA; HANAYAMA (2004), a tessitura típica para esse naipe é de Dó2 a Fá4, o que sugere que as dificuldades observadas podem ser atribuídas à pouca prática vocal do aluno.

Desenvolveu-se um vocalise de estudo, conforme a definição de ROCHA (2020), que consistia em uma melodia criada a partir das sílabas do nome do aluno. Esta melodia utilizava intervalos de terça maior ascendente, quinta justa descendente e oitavas justas, escolhidos pela facilidade de entonação por parte do aluno. Posteriormente, a partir dessa melodia inicial, foram realizadas modulações. O objetivo dessas modulações era auxiliar o aluno na entonação de notas que, inicialmente, eram de difícil percepção. Esse processo facilitou a assimilação intervalar e a transposição tonal do exemplo melódico.

A metodologia empregada revelou que o aluno conseguiu entoar notas que antes apresentavam grande dificuldade. Isso sugere que a questão não estava relacionada a problemas de fonação ou percepção, mas sim a uma adaptação incompleta à sua tessitura vocal. Portanto, o acompanhamento de uma fonoaudióloga é recomendado. Além disso, exercícios de canto repetitivos, como os realizados durante a monitoria, seriam benéficos para aprimorar a precisão das notas que ele já consegue produzir.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, este estudo de caso abordou a complexidade da muda vocal, um fenômeno fisiológico que, embora natural, pode impactar significativamente a percepção auditiva e a afinação em jovens, como evidenciado no caso do estudante do naipe dos baixos. A muda vocal, caracterizada por transformações na laringe e pregas vocais, leva a uma voz mais grave e instável, e a não adaptação a essa nova tessitura pode resultar em disfonia por muda incompleta. Essa condição, além de desafios fonatórios, pode gerar desconforto e afetar a identidade do jovem, que se vê diante de uma voz que não corresponde mais à sua imagem ou expectativa. A instabilidade e as "quebras" na voz podem levar a sentimentos de insegurança e frustração, especialmente em ambientes que demandam controle vocal, como um coral.

Estratégias como a testagem da tessitura vocal e a criação de vocalises personalizadas, baseados em elementos familiares ao aluno, mostraram-se eficazes na facilitação da prática do canto. Ao guiar o aluno por notas inicialmente difíceis de perceber através de uma contextualização harmônica, métrica, melódica, o vocalise não apenas desenvolveu a acuidade auditiva, mas também aprimorou a capacidade de reprodução vocal correta.

A metodologia empregada demonstrou que a dificuldade do aluno não era de fonação ou percepção, mas sim de adaptação à sua nova tessitura. Portanto, o acompanhamento multidisciplinar, incluindo fonoaudiologia, e a aplicação de exercícios específicos de canto são cruciais para auxiliar jovens a adquirir e consolidar uma tessitura vocal confortável e precisa, promovendo assim seu bem-estar vocal.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEHLAU, Mara; GIELOW, Ingrid; MADAZIO, Glaucya; TAKISHIMA, Martha. O impacto da afinação vocal na análise perceptivo-auditiva de vozes normais e alteradas. **CoDAS**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 1-8, 2020.

CIELO, C. A.; BEBER, B. C.; MAGGI, C. R.; KÖRBES, D.; OLIVEIRA, C. F.; WEBER, D. E.; TUSI, A. R. Disfonia funcional psicogênica por puberfonia do tipo muda vocal incompleta: aspectos fisiológicos e psicológicos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 227-236, 2009.

CRUZ, Tiago Lima Bicalho; GAMA, Ana Cristina Cortes; HANAYAMA Eliana Midori. ANÁLISE DA EXTENSÃO E TESSITURA VOCAL DO CONTRATENOR. **Revista CEFAC**. São Paulo, v. 6, n. 4, p. 423 - 428, 2004.

GUIMARÃES, M. F.; BEHLAU, M. S.; PANHOCA, I. Análise perceptivo-auditiva da estabilidade vocal de adolescentes em diferentes tarefas fonatórias. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Brasil, v. 22, n. 4, p. 455-458, 2010.

ROCHA, J. T. **Vocalises para iniciação ao canto: a utilização do aparelho vocal como instrumento de performance musical**. 2020. Monografia

(Licenciatura em Música) - Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes,
Universidade Federal de Alagoas.